



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 16, n. 6, art. 7, p. 140-153, nov./dez. 2019

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2019.16.6.7>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Temas Centrais nas *Confissões* de Santo Agostinho

Central Themes in the *Confessions* of Saint Augustine

José Francisco de Assis Dias

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Urbaniana
professor Adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná
E-mail: prof.dias.br@gmail.com

Júnior Luiz Ferreira da Cunha

Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná
E-mail: juniorlcunha@hotmail.com

Antônio Rangel dos Reis

Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná
E-mail: arangelreis@hotmail.com

Endereço: Jose Francisco de Assis Dias

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus
Toledo. Rua da Faculdade, Jardim La Salle 85903000 -
Toledo, PR – Brasil.

Endereço: Júnior Luiz Ferreira da Cunha

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus
Universitário de Toledo. Rua da Faculdade, Jardim La
Salle 85903000 - Toledo, PR - Brasil.

Endereço: Antônio Rangel dos Reis

Antônio Rangel dos Reis - Advogados. Avenida
Assunção, 360, Alto Alegre, 85801130 - Cascavel, Pr –
Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 07/05/2019. Última versão
recebida em 23/05/2019. Aprovado em 24/05/2019.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Analisam-se os temas centrais nas *Confissões* de Santo Agostinho, a saber: tempo e eternidade, *Creatio ex nihilo*, liberdade e graça, bem e mal, por serem os temas principais no ponto de vista filosófico de Agostinho. De fato, quando se indaga (presente) sobre algo relacionado ao tempo, o pensamento leva aos acontecimentos que se presenciou (passado) e tem-se a impressão de que algo vai acontecer (futuro), mas não se sabe exatamente quando o tempo iniciou e se vai acabar. Agostinho apresenta o conceito de tempo, bem como se o tempo é eterno com base nas versões bíblicas, para ele existiu um início e haverá um fim, pois, a eternidade é apenas atributo de Deus. A liberdade e a Graça são presentes de Deus dados ao Homem; através da liberdade o Homem age como sujeito do seu arbítrio, portanto, responsável; através da Graça o Homem tem a “força” espiritual para agir. Por fim, o problema do mal, ou seja, a diferença entre o bem e o mal, quando questionou a existência do mal, afirmando que, na verdade, seria a ausência do bem, insinuando que se tudo foi criado por Deus, foi criado de forma perfeita, ou seja, apenas o bem foi criado, sendo o mal produto da liberdade que leva o Homem a pecar, ou seja, o mal é o próprio pecado.

Palavras-Chave: Tempo e Eternidade. Bem e Mal. Santo Agostinho.

ABSTRACT

We analyze the central themes in the *Confessions* of Saint Augustine, namely: time and eternity, *creatio ex nihilo*, freedom and grace, good and evil, for being the main themes in the philosophical point of view of Augustine. In fact, when one inquires into something related to time, thought leads to events that have been witnessed (past) and one has the impression that something will happen (future), but one does not know exactly when time started and will end. Augustine presents the concept of time, as well as whether time is eternal based on the biblical versions, for it there was a beginning and there will be an end, for eternity is only God's attribute. Freedom and Grace are gifts of God given to man; through freedom man acts as the subject of his agency, therefore responsible; through grace man has the spiritual "strength" to act. Finally, the problem of evil, that is, the difference between good and evil, when he questioned the existence of evil, affirming that, in fact, it would be the absence of good, implying that if everything was created by God, it was created in a perfect way, that is, only good was created being evil, a product of freedom that leads man to sin, that is, evil is sin itself.

Keywords: Time and Eternity. Creatio ex Nihilo. Good and Bad. Saint Augustine.

1 INTRODUÇÃO

O texto que ora se apresenta se debruçará sobre a obra *Confissões*¹ de Santo Agostinho buscando, mesmo de forma superficial, mostrar o pensamento Agostiniano, mais especificamente, à luz de quatro questões: (I) Tempo e Eternidade; (II) *Creatio ex nihilo* (Criação a partir do nada); (III) Liberdade e Graça; (IV) Bem e Mal. Longe de estarmos tentando estabelecer uma relação clara e concreta entre os temas há pouco mencionados, isto é, formular uma estrutura conceitual digna de reflexões profundas e elucidativas, caminharemos rumo a uma compreensão primária de um autor tão importante à história da Filosofia.

Nosso propósito, então, visto que Santo Agostinho viveu entre os anos 354 a 430, é depreender acerca de sua contribuição significativa para a Filosofia e a sociedade Ocidental, contribuição essa que se perpetua até os dias de hoje, já na segunda década do século XXI. Além de sua importante expressão no campo filosófico, não podemos deixar de mencionar sua forte presença no campo teológico. No entanto, buscaremos, já compreendendo não ser apenas complexo, como também impossível uma total cisão em seu pensamento, voltar-nos com maior intensidade ao que se tem por filosofia.

Logo, o termo “Santo” que antecede e, com a influência da doutrina cristã, se agregou a seu nome, aqui não será encarado com o simbolismo dado pelo movimento ecumênico. Ademais, seu pensamento que carrega em si o caráter teológico não abarcaremos com rigor teológico. Portanto, levaremos a cabo o que entendermos por filosofia e buscaremos compreender através de uma perspectiva filosófica seu pensamento teológico. O que então, doravante, parecer enganos epistemológicos será a falta de exatidão em distinguir a Filosofia da Teologia no pensamento de Santo Agostinho, não por demérito de quem vos escreve, mas pela forma como o pensamento Agostiniano tangencia esses dois campos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Tempo e eternidade

É provável que já nos tenhamos perguntado: “O que é o tempo?”, “O tempo existe?”, “Como percebemos o tempo?”, e outra infinidade de perguntas a tão enigmático tema; o

¹ AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Santo Agostinho. 2. ed. São Paulo. Abril Cultural, 1980. (Os pensadores)

mesmo ocorre com o filósofo de Hipona, digo, Agostinho, que em sua obra *Confissões*, mais especificamente no Livro XI, faz uma reflexão tanto do tempo, como, também, da eternidade, outro tema enigmático para todos nós. Visto sua condição dentro do meio cristão, o filósofo defende em sua obra sua fé no bom Deus, e faz sua reflexão acerca dos temas há pouco citados sob a perspectiva das Sagradas Escrituras, para ser mais exato, no livro de Gênesis, em que a autoria é atribuída a Moisés.

Nosso filósofo em questão, para sua reflexão, parte do trecho de Gn 1:1, “No princípio criou Deus os céus e a terra”², entendemos que esse “princípio” é a eternidade, isto é, o próprio Deus, pois, para o filósofo, o tempo só veio a existir no momento em que “céus e terra” foram criados, de modo que Deus, o criador do tempo, está para além dele, ou seja, o tempo não antecede sua existência (a de Deus), mas só existe após Tê-lo criado. Diante disso, para a compreensão do modo como se dá a criação dos “céus e terra” e simultaneamente do Tempo, o Santo Filósofo nos guia por um caminho que tem por objetivo mostrar como se deu esse processo de criação.

Guiado pelos versículos seguintes ao que foi retrocitado, Agostinho conclui que tudo foi criado através da Palavra de Deus, o que expressa o caráter criador que somente pode advir Dele, isto é, um escultor ao criar uma obra utiliza o que já existe, seja madeira, pedra, ouro, etc., Deus, no entanto, em sua criação não usa o que já existe, pois ainda não havia o que existia antes Dele ter criado o que veio a existir. Logo, Deus, ao criar “céus e terra” e simultaneamente o Tempo, utilizou somente o que Ele podia, sua Palavra Criadora.

Como então a Palavra Criadora pode ser proferida se ainda não havia em que ela se propagar? E mais, se não havia o que ou quem pudesse ouvi-la? E ainda, todo discurso inicia e acaba, e se inicia e acaba não é eterno, logo tem um tempo, ou melhor, sua constância está no tempo, e se o tempo ainda não havia antes de Deus tê-lo criado, sua Palavra Criadora não pode ecoar no que não há.

A Palavra Criadora de Deus, então, para o filósofo de Hipona, é coeterna com Deus, e ecoa por toda a eternidade. Diante disso é que é possível, mesmo não havendo o que existia, Deus fazer existir, isto é, criar “céus e terra”, através de sua Palavra Criadora. Mas então o que fazia Deus e sua Palavra Criadora antes de tudo criar? Se Deus já era, por que não continuou sendo sem nada criar? E de onde proveio sua vontade de criar?

² BÍBLIA A. T. Gênesis. In: A BÍBLIA ANOTADA = The Ryrie Study Bible / Texto bíblico: Versão Almeida, Revista e anotada e atualizada, com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie; Trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto, - São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

Agostinho responde às perguntas há pouco colocadas fazendo a distinção entre o que é Eterno e o que não é, ou seja, que está no Tempo. Deus, como já mostramos, e sua Palavra Criadora são eternos e, desse modo, não se pode aplicar sobre eles conjugações de verbos tanto no passado, como no futuro. Assim, Deus não “fazia”, ele é o fazer e só pode fazer, pois se tivesse feito seria no passado, se fosse fazer no futuro, e como é eterno não lhe há passado nem futuro. Agostinho³ nos confirma isso dizendo que “Na eternidade [...] nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente”. A vontade, então, de criar “céus e terra” não pode ter surgido, pois pressupõe a ideia de tempo, e nos diz Agostinho⁴ sobre Deus, “Criastes todos os tempos e existis antes de todos os tempos. Não é concebível um tempo em que possa dizer-se que não havia tempo”. Logo, se o tempo só é tempo após ser criado por Deus, Deus antecede o tempo e, portando, está fora dele, o que se conclui que a vontade de criar não surgiu em determinado tempo, mas que esteve sempre nele, e mais, não se pode dizer que ele manifestou sua vontade em determinado tempo, pois o tempo só veio a ser tempo após Ele criá-lo. Diante disso, o tempo assim como “céus e terra” são frutos da sua vontade.

Mas, de fato, “O que é [...] o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei”.⁵ Quase todos nós nos convencemos de que sabemos o que é o tempo e, ademais, o dividimos em passado, presente, futuro e, se não bastasse, o medimos com horas, dias, anos, etc., e, mesmo assim, não conseguimos afirmar com certeza o que é o tempo. Sobre isso diz Agostinho:

De que modo existem aqueles dois tempos — o passado e o futuro —, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, por que tende a não ser?⁶

No excerto podemos verificar o quando é aporético afirmar a validade das três grandes divisões que fazemos do tempo. Visto que o passado é algo que só pode existir não existindo e o futuro do mesmo modo. Ou seja, se temos o tempo como algo contínuo e que tem um início e um fim, já que não é eterno, ele não pode ser estático na medida em que é perceptível a nós. Logo, o tempo que passa não pode mais ser presente pois passou, desse modo está

³ AGOSTINHO, 1980, XI, 11.

⁴ AGOSTINHO, 1980, XI, 13.

⁵ AGOSTINHO, 1980, XI, 14.

⁶ AGOSTINHO, 1980, XI, 14.

deixando de ser, como então dizer que o passado é se ele já não é. E quanto ao futuro, se compreendermos que nossa realidade se dá através de uma continuidade, como já colocamos antes, é presumível que o futuro só pode ser quando o presente já não for, e se o presente já for, conclui-se que o que temos é o passado.

Descartamos, assim, a possibilidade de haver tanto o passado, como também o futuro, resta-nos somente o presente. Entretanto, o tempo não pode ser apenas presente, pois presente que é apenas presente não é tempo, é eternidade, e eternidade não pode ser tempo, pois é Deus, e Deus criou o tempo e, portanto, está fora dele. De modo que o tempo não é eterno. Logo:

Se pudermos conceber um espaço de tempo que não seja suscetível de ser subdividido em mais partes, por mais pequeninas que sejam, só a esse podemos chamar tempo presente. Mas este voa tão rapidamente do futuro ao passado, que não tem nenhuma duração. Se a tivesse, dividir-se-ia em passado e futuro. Logo, o tempo presente não tem nenhum espaço.⁷

Não tendo o tempo presente espaço algum, como então pode nos ser perceptível o movimento do que foi criado por Deus senão no tempo?

Quando observamos algo, por exemplo, o ponteiro maior do relógio, que demora certo tempo para dar uma volta para que então possamos dizer que passou uma hora, o que é que se passou, se não o tempo? Seria apenas movimento? Ou o movimento é o tempo? Se movimento é tempo, então, cada objeto que se movimenta tem seu próprio tempo, mas como então podemos utilizar o movimento de um objeto para calcular o tempo de movimento de outro objeto? E mais, quando um objeto está imóvel, conseguimos dizer que ele está imóvel há determinado tempo, no entanto, se tempo é movimento, o objeto não pode estar parado há certo tempo. Logo, tempo não é movimento. E, se tempo não é movimento, o que é então? Agostinho nos responde dizendo:

O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três.⁸

⁷ AGOSTINHO, 1980, XI, 15.

⁸ AGOSTINHO, 1980, XI, 20.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Creatio ex nihilo

Creatio ex nihilo, ou criação a partir do nada, é um problema que se mostra com mais força dentro do campo da filosofia, pois, no campo teológico se tem a fé como uma espécie de solucionadora, isto é, “não compreendo, mas tenho fé”. Por outro lado, na filosofia, “não compreendo, mas pretendo compreender”, logo, *Creatio ex nihilo* deve ser mostrada dentro dos padrões filosóficos para que se dê sua validade. Nosso filósofo faz isso com base, mesmo que tomando outros rumos, no modelo platônico e nas Santas Escrituras, Gn 1:1-2, “No princípio criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, era sem forma e vazia (invisível e desorganizada); havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas”⁹.

“Deus criou no princípio”, isto é, anterior a tudo temporalmente, pois o tempo ainda não havia, e se não há tempo, há a eternidade, e Deus é absoluto e eterno, portanto não há o que lhe é anterior, nem o que lhe suceda. A criação, então, de Deus dos “céus e terra” só pode ser a partir do nada. Nada que não é, e nem podia ser sem antes Deus tê-lo criado. Nada, então, não deve ser encarado como ausência de ser, mas como não ser absoluto, e se não é, o único modo de Deus criar a partir do nada é criando o nada. O que é, então, este nada?

Para compreendermos como se dá a criação, precisaremos colocar um evento de cada vez, isto é, precisaremos estabelecer certa ordem sobre eles, no entanto, isso não ocorreu de fato, pois Deus é eterno, e se é eterno, logo tudo o que fez, fez ao mesmo instante, pois não havia tempo para que um evento possa ser antes ou depois de outro. Entretanto, nós que não compreendemos a plenitude da eternidade, e nem Deus em absoluto, e que estamos colocados no tempo, só compreendemos os eventos um em sucessão ao outro. Partindo disso, colocaremos a criação de Deus como uma sucessão de eventos, sucessão esta não no tempo, mas em ordem lógica.

“No princípio criou Deus céus e terra”, céus pode ser compreendido como a primeira criação de Deus, ou seja, o que é invisível ao homem, sua mansão celestial, e todos os seres que ali habitam, anjos, arcanjos, serafins, querubins, etc., tudo que não é eterno, mas que está diante da face Deus e, por isso, participa da eternidade. Mas se participa da eternidade, por

⁹ BÍBLIA A. T. Gênesis. In: A BÍBLIA ANOTADA = The Ryrie Study Bible / Texto bíblico: Versão Almeida, Revista e anotada e Atualizada, com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie; Trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto, - São Paulo: Mundo Cristão, 1994. (Parênteses meu).

que não é eterno? Porque Deus os criou, os céus então, mantidos pelo Divino, não têm um fim, mas têm um início, logo o céu foi criado e se é criação não é eterno.

A terra que é descrita como “sem forma e vazia”, Agostinho lhe dará o nome de matéria informe, “Então, por que não hei de admitir esta matéria informe comodamente manifestada aos homens pelo nome de ‘terra invisível e (des)ordenada’ que criastes sem beleza, para dela fazerdes um mundo belo?”¹⁰. A partir dessa matéria informe, podemos atribuir as demais criações que são narradas no Gênesis, podemos então concluir que seria esta matéria informe o nada? “Chamava informe a essa matéria não porque não tivesse forma, mas por ser tal que, se me aparecesse assim tão insólita e imprópria, ela afastaria os meus sentidos e perturbaria a minha fraqueza de homem”¹¹. Ademais, a matéria informe não pode ser o nada, pois antes dela já temos os céus, e se o nada for a matéria informe, do que então foram criados os céus?

O nada então antecede, logicamente, os “céus e terra” e dele Deus criou tanto o que é visível, como o que é invisível, pois todas essas criaturas não podem prover da natureza Divina, pois seriam também Deus, ou extensão Dele, ou seja, todas essas criaturas são mutáveis, por estarem inseridas no tempo que foi criado em simultaneidade ao “céus e terra”, Deus, por sua vez é eterno, o tempo, então, não lhe afeta, logo, se nas criaturas que por Ele foram criadas “a mutabilidade existia, donde provinha senão de Vós, de quem todas as coisas recebem o ser, de qualquer modo que elas sejam? Tanto mais longe estão de Vós quanto mais diferentes são de Vós. Porém, tal distância não é espacial”¹², ou seja, todas as criaturas se distanciam de Deus ao que se refere a sua natureza, pois a natureza Divina pertence a Deus.

3.2 Liberdade e graça

Um tema de grande complexidade na obra do Santo de Hipona, e que não se tem um consenso da validade de seus argumentos. Agostinho defende em suas obras que o homem é livre e que também é influenciado pela Graça Divina, o que para alguns representa algo contraditório. Entretanto, não entraremos nessa discussão. Ademais, o conjunto de escritos que tangencia o tema do subtítulo é amplo, nós, por outro lado, nos fixaremos, como já dito, na obra *Confissões*, aqui, especificamente, no Livro VIII.

¹⁰ AGOSTINHO, 1980, XII, 4. Parênteses nosso.

¹¹ AGOSTINHO, 1980, XII, 6.

¹² AGOSTINHO, 1980, XII, 7.

Antes, porém, de atermos ao trecho há pouco citado, cabe aqui uma introdução sucinta, mas que sem ela torna-se difícil a compreensão do proposto. Portanto, seguiremos uma certa ordem de raciocínio, buscando sempre a maior proximidade possível com o de Santo Agostinho.

A Liberdade e a Graça interferem diretamente nas ações humanas, sobretudo no pecado; esse último, para o nosso filósofo em questão, é algo que está, de certa forma, impregnado no homem desde o pecado original, isto é, com Adão e Eva no paraíso. E ambos só pecaram porque justamente lhes é estendido o livre-arbítrio, ou seja, a Liberdade. O que é conflitante, não pelo fato de serem livres, mas por terem direcionado sua liberdade rumo ao pecado, isso porque tanto Adão quanto Eva são, e só poderiam ser, criaturas criadas por Deus, que é bom em sua natureza, o que acaba dificultando a compreensão de como algo que é absolutamente bom, criar algo que se direciona ao mal, ou melhor, ao pecado?

Como resposta à questão¹³, Agostinho, em seus escritos, faz uma contestação ao mal e o coloca apenas como ausência do bem, nisso Adão e Eva eram bons, e sua liberdade os direcionava rumo ao bem, entretanto, e justamente por serem livres, optaram não pelo mal, mas pelo distanciamento do bem. Como então Deus, que é o sumo bem, pôde ter concedido ao homem algo que lhe permitisse pecar?

O livre-arbítrio, defende Agostinho, foi dado ao homem não para que ele pecasse, mas para que cumprisse a palavra de Deus, a saber, Gn 1:28, “[...] dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteje sobre a terra.”¹⁴. O homem, então, é o único ser portador de vontade própria, e que, originalmente, o guiaria para o bem.

O pecado original, então, está não só no descumprimento da ordem divina de não comer dos frutos das árvores proibidas, mas se agrava pela subversão do domínio dado ao homem, quanto este escuta e acata a serpente. A partir daqui, devido ao pecado cometido pelo homem, há também uma mudança de norteamo do livre-arbítrio, este antes tendia para o bem, agora pela desobediência do homem o leva para longe do bem. O pecado original marca, portanto, o homem:

Quando eu deliberava servir já o Senhor meu Deus, como há muito tempo tinha proposto, era eu o que queria e era eu o que não queria; era eu mesmo. Nem queria, nem deixava de querer inteiramente. Por isso me digladiava, rasgando-me a mim mesmo. Esta destruição operava-se, é certo, contra a minha vontade, porém não indicava a natureza duma alma estranha, mas o castigo da minha própria alma. "Era

¹³ Assunto de nosso próximo subtítulo.

¹⁴ BÍBLIA A. T. Gênesis. In: A BÍBLIA ANOTADA = The Ryrie Study Bible / Texto bíblico: Versão Almeida, Revista e anotada e Atualizada, com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie; Trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto, - São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

o pecado", que habitava em mim e não eu quem mo afligia em castigo dum pecado cometido com mais liberdade por ser filho de Adão.¹⁵

Já enunciado, o homem possui, então, a livre vontade que, originalmente, tendia para o bem, com o pecado, no entanto, tende ao distanciamento do bem, e aí entra a Graça, pois sem ela o que se tem, nos diz Agostinho, é somente a luta de vontades:

A vontade nova, que começava a existir em mim, a vontade de Vos honrar gratuitamente e de querer gozar de Vós, ó meu Deus, único contentamento seguro, ainda se não achava apta para superar a outra vontade, fortificada pela concupiscência. Assim, duas vontades, uma concupiscente, outra dominada, uma carnal e outra espiritual, batalhavam mutuamente em mim. Discordando, dilaceravam-me a alma.¹⁶

A Graça Divina, portanto, é concedida ao homem para que ele possa direcionar sua vontade novamente rumo ao bem, a Graça é a oportunidade que Deus dá ao homem de se redimir e novamente voltar a trilhar o caminho da luz. Ademais, a Graça não deve ser entendida somente como benevolência Divina, mas como único modo de o homem conseguir voltar-se novamente para Deus.

3.3 Bem e mal

O Bem e o Mal, ou a origem do Mal, em Santo Agostinho mostra-se um problema não só filosófico, mas, também, teológico. A saber, a premissa de que partimos é que Deus é o sumo Bem, e Ele é o criador de todas as coisas, logo, como Deus, sendo a própria natureza do Bem, criou o Mal?

Mas de novo refletia: "Quem me criou? Não foi o meu Deus, que é bom, e é também a mesma bondade? Donde me veio, então, o querer eu o mal e não querer o bem? Seria para que houvesse motivo de eu justamente ser castigado? Quem colocou em mim e quem semeou em mim este viveiro de amarguras, sendo eu inteira criação do meu Deus tão amoroso? Se foi o demônio quem me criou, donde é que veio ele? E se, por uma decisão de sua vontade perversa, se transformou de anjo bom em demônio, qual é a origem daquela vontade má com que se mudou em diabo, tendo sido criado anjo perfeito por um Criador tão bom?"¹⁷

Vista a impossibilidade lógica de Deus ter criado o Mal, resta-nos, mesmo ainda contra o preceito definido a Deus, cogitar a possibilidade de que a vontade que nos direciona ao Mal tenha provindo d'Ele, nisso novamente temos em voga o livre-arbítrio, teria sido este

¹⁵ AGOSTINHO, 1980, VIII, 10.

¹⁶ AGOSTINHO, 1980, VIII, 5.

¹⁷ AGOSTINHO, 1980, VII, 3.

dado a nós para que nos dirigíssemos ao mal? Por já termos tratado desse assunto no último subtítulo, não o levaremos a cabo novamente. Entretanto, é necessário, uma vez mais, levá-lo em conta em nossa reflexão. Estamos diante, portanto, de uma dicotomia aporética, ou Deus criou o Mal, ou Ele nos deu a vontade que nos direciona ao mal, isto é, o livre-arbítrio. A primeira, se novamente resgatarmos a premissa antes colocada é automaticamente refutada. Já a segunda, não. Isso pelo fato de realmente Deus ter nos dado o livre-arbítrio, no entanto esse nos direciona ao bem, pois tudo quanto Deus criou é bom.

Eis Deus, e eis o que Deus criou! [...] Ele é bom e, por conseguinte, criou boas coisas. E eis como Ele as rodeia e as enche! Onde está, portanto, o mal? Donde e por onde conseguiu penetrar? Qual é a sua raiz e a sua semente? Porventura não existe nenhuma? Por que recear muito, então, o que não existe? E, se é em vão que tememos, o próprio medo indubitavelmente é o mal que nos tortura e inutilmente nos oprime o coração. Esse mal é tanto mais compressivo quanto é certo que não existe o que tememos, e nem por isso deixamos de temer. Por consequência, ou existe o mal que tememos, ou esse temor é o mal.¹⁸

Se tudo que Deus criou é bom, somado ao excerto exposto, resta-nos considerar que o Mal não existe. O que nos leva a consequências indesejadas, por exemplo, se o Mal não existir, o demônio é bom; quando nossa vontade nos direciona ao mal, estaríamos, por outro lado, nos direcionando ao bem, e outras tantas complicações que nos levariam a contrariar nossa premissa retrocitada.

O que se sucede, de fato, é que tudo o que foi criado por Deus é Bom, entretanto, o criado não partilha da natureza Divina, logo, é corrompível,

Vi claramente que todas as coisas que se corrompem são boas: não se poderiam corromper se fossem sumamente boas, nem se poderiam corromper se não fossem boas. Com efeito, se fossem absolutamente boas, seriam incorruptíveis, e se não tivessem nenhum bem, nada haveria nelas que se corrompesse.¹⁹

Ponderamos: Deus, em sua onipotência, não poderia criar a partir do incorruptível? De fato, poderia, no entanto, o que é absolutamente incorruptível é a natureza Divina, e se Deus fizesse o criado a partir dela, o criado não seria criado, mas extensão de sua natureza²⁰.

E se então tudo o que Deus cria é Bom, porém, corrompível, o que se corrompe não seria o Mal? Para o filósofo de Hipona, não. A saber,

¹⁸ AGOSTINHO, 1980, VII, 5.

¹⁹ AGOSTINHO, 1980, VII, 12.

²⁰ Subtítulo “II. *Creatio ex nihilo*”.

Por isso, se são privadas de todo o bem, deixarão totalmente de existir. Logo, enquanto existem, são boas. Portanto, todas as coisas que existem são boas, e aquele mal que eu procurava não é uma substância, pois, se fosse substância, seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível, e então era certamente um grande bem, ou seria substância corruptível, e, nesse caso, se não fosse boa, não se poderia corromper.²¹

Portanto, tudo o que Deus cria é Bom e partilha do sumo Bem, que é Deus. Ademais, tudo o que existe, existe no e pelo Bem, ou seja, é mantido por Deus. Como resposta então ao que é o Mal, nosso filósofo em questão diz:

Procurei o que era a maldade e não encontrei uma substância, mas sim uma perversão da vontade desviada da substância suprema — de Vós, ó Deus — e tendendo para as coisas baixas: vontade que derrama as suas entranhas e se levanta com intumescência.²²

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa analisamos os temas centrais para Santo Agostinho, segundo se lê em suas *Confissões*: tempo e eternidade, *creatio ex nihilo*, liberdade e graça, bem e mal. Quando indagamos sobre algo relacionado ao tempo, o pensamento nos leva aos acontecimentos que presenciamos e temos a impressão de que algo vai acontecer, mas não sabemos exatamente quando o tempo iniciou e se vai acabar.

Santo Agostinho apresentou o conceito de tempo, bem como se o tempo é eterno com base nas versões bíblicas, para ele existiu um início e haverá um fim, pois, a eternidade é apenas atributo de Deus, como ficou claro. Depois disso, Agostinho trabalhou a liberdade e a Graça, que são dons divinos dados ao Homem, para o livre agir na Graça, ou seja, quanto mais se volta para Deus, mais livre o Homem é.

Nossa análise se concluiu com o problema do mal, ou seja, a diferença entre o bem e o mal. Agostinho, quando questionou a existência do mal, afirmando que, na verdade, seria a ausência do bem, insinuando que se tudo foi criado por Deus, foi criado de forma perfeita, ou seja, apenas o bem foi criado, sendo o mal produto da liberdade que leva o Homem a pecar: o mal é o próprio pecado.

²¹ AGOSTINHO, 1980, VII, 12.

²² AGOSTINHO, 1980, VII, 16.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Santo Agostinho. 2. ed. São Paulo. Abril Cultural, (Os pensadores), 1980.

AMARAL, Roberto; SOUZA, Camila Cristina de; PEREIRA, Crislene Silva. O Tempo e a Eternidade em Santo Agostinho. In: *Revista Vozes dos Vales da UFVJM*: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012 Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM – ISSN: 2238-6424 – www.ufvjm.edu.br/vozes. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/O-Tempo-e-a-Eternidade-em-Santo-Agostinho_crislene_camila.pdf>. Acesso em: 12/05/16.

BELLEI, R. J.; BUZINARO, D. M. O livre-arbítrio e o mal em Santo Agostinho (The free will and the evil in Saint Augustine). In: **Mirabilia**, vol.11 - Tempo e Eternidade na Idade Média (Tiempo y Eternidad en la Edad Media – Time and Eternity in the Middle Ages). Coord. COSTA, Ricardo da. Jun-Dez 2010/ISSN 1676-5818. p. 80-98. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2010_02_04.pdf>. Acesso em: 12/05/16.

BÍBLIA A. T. Gênesis. In: **A BÍBLIA ANOTADA** = The Ryrie Study Bible / Texto bíblico: Versão Almeida, Revista e anotada e Atualizada, com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie; Trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto, - São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

COSTA, M. R. Nunes. Tempo e Eternidade em Santo Agostinho (Time and Eternity in Saint Augustine). In: **Mirabilia**, vol.11 - Tempo e Eternidade na Idade Média (Tiempo y Eternidad en la Edad Media – Time and Eternity in the Middle Ages). Coord. COSTA, Ricardo da. Jun-Dez 2010/ISSN 1676-5818. p. 136-155. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2010_02_07.pdf>. Acesso em: 12/05/16.

_____; BRANDÃO, R. E. A Teoria da Criação, segundo Santo Agostinho. In: **Ágora Filosófica - Tomás de Aquino e a Questão de Deus**, Ano 7. n. 1. p. 07-26. jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/82/76>>. Acesso em: 12/05/16.

OLIVEIRA, M. Liberdade e graça no pensamento de Agostinho. In: **DISCERNINDO - Revista Teológica Discente da Metodista**, v.2, n.2, p. 35-52, jan. dez. 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/discernindo/article/view/4745/4031>>. Acesso em: 12/05/16.

RÊGO, M. C. B. Liberdade e graça em Santo Agostinho. In: **Ágora Filosófica - Tomás de Aquino e a Questão de Deus**, Ano 7. n. 1. p. 129-158. jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/89/83>>. Acesso em: 12/05/16.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

DIAS, J. F. A; CUNHA, J. L. F.; REIS, A. R. Temas Centrais nas Confissões de Santo Agostinho. **Rev. FSA**, Teresina, v.16, n. 6, art. 7, p. 140-153, nov./dez. 2019.

Contribuição dos Autores	J. F. A. Dias	J. L. F. Cunha	A. R. Reis
1) concepção e planejamento.	X	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X